

**JORNALISMO, NARRATIVA
E PODER NAS MANCHETES
DO JORNAL O ESTADO
DO MARANHÃO NOS
GOVERNOS DE ROSEANA
SARNEY E FLÁVIO DINO**

**JOURNALISM, NARRATIVE AND POWER
IN THE HEADLINES OF O ESTADO DO
MARANHÃO IN THE GOVERNMENTS OF
ROSEANA SARNEY AND FLÁVIO DINO**

**PERIODISMO, NARRATIVA Y PODER EN
LAS MANCHETES DE O ESTADO DO
MARANHÃO EN LOS GOBIERNOS DE
ROSEANA SARNEY Y FLÁVIO DINO**

**Li-Chang Shuen Cristina Silva Sousa¹
Zefinha Bentivi^{2, 3}**

RESUMO

Apresentamos neste artigo um estudo comparado das manchetes publicadas no jornal O Estado do Maranhão em 2014, último ano do governo Roseana Sarney, e 2015, primeiro ano do governo Flávio Dino, sobre a atuação dos dois governadores. O objetivo do trabalho é analisar a mudança editorial do jornal, que praticava um jornalismo publicitário em favor do governo de Roseana e

¹ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília, Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco, Graduada em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão. Estágio pós-doutoral no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da UERJ. Professora Adjunta do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Maranhão. Coordenadora do Laboratório Integrado de Pesquisa e Práticas Jornalísticas (LABJOR) da UFMA. E-mail: lichangshuen@gmail.com.

² Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense. Graduada em Comunicação Social, Habilitação Jornalismo, pela Universidade Federal do Maranhão. Professora Adjunta do Departamento de Comunicação Social da UFMA e pesquisadora do LABJOR. E-mail: zefinhabentivi@gmail.com.

³ Endereço de contato dos autores (por correio): Universidade Federal do Maranhão, Departamento de Comunicação Social. Cidade Universitária Dom Delgado. Avenida dos Portugueses, 1966, Bacanga, São Luís-MA. Cep: 65080-805

passou a praticar o jornalismo adversário durante o governo Dino. A metodologia utilizada foi uma combinação de análise de valência, análise linguística e análise da narrativa. Os resultados mostram que o jornal, embora seguindo os critérios de noticiabilidade e valores-notícia, posicionava-se como relações-públicas do governo Roseana e atua como ator político de oposição ao governo Dino.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Narrativa; Roseana Sarney; Flávio Dino.

ABSTRACT

This article presents a comparative study of the headlines published in the newspaper O Estado de Maranhão in 2014, the last year of the Roseana Sarney administration, and 2015, the first year of the Flávio Dino government, on the performance of the two governors. The purpose of the paper is to analyze the editorial change of O Estado do Maranhão, which practiced an advertising journalism during the Roseana government and began to practice adversarial journalism during the Dino government. The methodology used was a combination of valence analysis, linguistic analysis and narrative analysis. The results show that the newspaper, although following the notifiability criteria and news-values, positioned itself like public relations of the Roseana government and acts like political actor of opposition to the Dino government.

KEYWORDS: Journalism; Narrative; Roseana Sarney; Flávio Dino.

RESUMEN

En este artículo se presenta un estudio comparado de los titulares publicados en el diario O Estado de Maranhão en 2014, último año del gobierno Roseana Sarney, y 2015, primer año del gobierno Flávio Dino. El objetivo del trabajo es analizar el cambio editorial del periódico, que practicaba un periodismo publicitario en favor del gobierno de Roseana y pasó a practicar el periodismo adversario durante el gobierno Dino. La metodología utilizada fue una combinación de análisis de valencia, análisis lingüístico y análisis de la narrativa.



revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 6, Outubro-Dezembro. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n6p322>

Los resultados muestran que el periódico, aunque siguiendo los criterios de noticiabilidad y valores-noticia, se posicionaba como relaciones públicas del gobierno de Roseana y actúa como actor político de oposición al gobierno de Dino.

PALABRAS CLAVE: Periodismo; Narrativa; Roseana Sarney; Flávio Dino.

Recebido em: 19.05.2018. Aceito em: 19.08.2018. Publicado em: 08.10.2018.

Introdução

As eleições para o governo do Maranhão em 2014 marcaram uma mudança importante na história política recente do Estado: um governador oriundo de um grupo de oposição ao clã Sarney foi eleito, em primeiro turno, com mais de 60% dos votos válidos. Em que pese todo o aparato midiático que trabalhou a favor da eleição do candidato da então governadora Roseana Sarney, Edson Lobão filho, o deputado federal e ex-juiz Flávio Dino conquistou o direito de ocupar o gabinete principal do Palácio dos Leões, sede do governo estadual. Alvo de ataques durante a campanha dos veículos de comunicação do Grupo Mirante, de propriedade dos Sarney, o novo governador transformou-se em personagem de uma narrativa que contrastou com aquela predominante durante os anos de Roseana à frente do governo.

O objetivo deste artigo é apresentar os resultados da pesquisa Governando Contra as Notícias: O Primeiro Ano do Governo Flávio Dino nas Páginas de O Estado do Maranhão. Nosso objeto é a narrativa que o jornal construiu ao longo de 2015 sobre o governo e o governador. Para testar nossa hipótese, de que antes a narrativa tratava de um estado fictício, em pleno desenvolvimento e com governo operante, e passou a ser a de um estado-problema, onde nada mais dava certo, foi necessário empreender um estudo comparado das notícias publicadas no último ano do governo Roseana e aquelas do primeiro ano do governo Dino. A pesquisa contemplou apenas as manchetes e chamadas de capa, pois acreditamos que esses textos curtos sinalizam para o leitor as intrigas que serão contadas nas páginas internas. Ademais, a capa é acessível a qualquer pessoa, mesmo que não adquira para si um exemplar, dada a exposição em bancas, consultórios, locais públicos e

mesmo portal na internet. A capa enumera os tópicos do diálogo entre as elites políticas em disputa pelo poder.

As questões que nortearam a pesquisa podem assim ser resumidas: que tipo de narrativa o jornal construiu no último ano do governo Roseana e como essa narrativa mudou junto com o mandatário do Palácio dos Leões? Que construções linguísticas encontrávamos em 2014 e que sumiram em 2015? Para respondê-las, combinamos a análise de dados quantitativos e qualitativos. Aquelas manchetes e chamadas de capa que tivessem como protagonistas o governo do estado, o governador/a governadora, ou as secretarias/áreas de atuação do governo foram catalogadas. Atenderam ao critério estabelecido 581 chamadas em 2014 e 795 em 2015. Dividimos as chamadas por tema: Segurança, Saúde, Educação, Economia, Política e Infraestrutura. Com as valências catalogadas, precisávamos de 28 capas para, a partir delas, selecionar os textos que processaríamos no software de análise linguística Iramuteq.

Em seguida, sorteamos, no próprio arquivo Excel onde as chamadas estavam catalogadas, quatro edições de cada dia da semana até formar um conjunto de 28 edições, aproximadamente um mês. Na amostra bruta, tínhamos 28 edições de 2014 e 28 de 2015. A etapa seguinte foi aplicar os critérios de seleção a essas edições para garimpar a amostra textual, que ficou com 44 textos para 2014 e 50 para 2015. Esses 94 textos formam o universo de análise textual que processamos no Iramuteq. Trata-se de um programa de análise linguística que nos permite extrair dados estatísticos e gráficos analíticos tendo por base o vocabulário da amostra textual. Tratados quantitativamente, os textos depois foram analisados qualitativamente: a análise da narrativa contida nos títulos e leads das manchetes.

Optamos por diluir as reflexões teóricas ao longo da discussão dos resultados, como forma de dar mais espaço à análise dos dados produzidos ao longo da pesquisa. Assim, após esta introdução, traçamos um panorama da realidade midiática do Maranhão, articulando a contextualização com reflexões teóricas sobre jornalismo, realidade, verdade e valores. Em seguida, apresentamos a análise da narrativa para o ano de 2014, discutindo os limites entre jornalismo e propaganda como produto de um ambiente jornalístico contaminado pela questão da propriedade dos meios de comunicação. A seção seguinte traz a análise da narrativa para o ano de 2015 e a discussão sobre o jornalismo adversário, jornalismo cão de guarda e jornalismo como instituição e ator político. Seguem-se as considerações finais.

Mídia e Poder no Maranhão: a verdade que convém

Neste tópico, refletimos sobre realidade, verdade e valores a respeito do estado do Maranhão, construídos pelo jornalismo maranhense, com foco em nosso objeto de estudo: as narrativas jornalísticas sobre Roseana Sarney e Flávio Dino que personificam o Maranhão, colocando-se em cena, por julgarmos relevante para a problematização de tais categorias, o mito Athenas Brasileira que se tem revisitado, mantido e atualizado no Maranhão, como um sistema explicativo da cultura maranhense. Historicamente, como já abordado, a mídia maranhense (o jornalismo, inclusive e principalmente) tem-se constituído em “tribunas” nas quais e pelas quais as classes dominantes discutem a si mesmas (avaliam-se; atribuem-se valores; num jogo de espelhos que reflete, em simultâneo, a imagem da “acusação” e “da defesa”).

Daí se revelar apropriado retomar o Maranhão enquanto Athenas Brasileira, na presente pesquisa. Conforme Borralho (2009), o contexto que

configurou e cristalizou o mito Athenas Brasileira era demarcado, no século XIX, pelos conflitos sociais, pelas disputas de memórias, de opções políticas e sociais, de instrumentação econômica por parte dos detentores do poder político, das desigualdades sociais de uma nação que nascia pautada na exclusão, na exploração do trabalho escravo, sobretudo, nas inúmeras diferenças e desigualdades. E continua Borralho (2009, p. 22):

Ao editarem o epíteto ateniense não vislumbraram o mosaico compósito da diversidade sociocultural do Maranhão, encobriram segmentos sociais que ladeavam a reza do latim ao tambor-de-crioula, pratos refinados da Europa ao lado de vendeiros, quituteiras, pregoeiros que não escondiam um outro Maranhão. Estavam porque sempre estiveram ali.

É com essa mesma lógica que se apreendem realidades, verdades e valores, narrativamente construídos sobre o Maranhão. Estado, aliás, que, acompanhando Gonçalves (2008, p. 48), “não é um espaço geográfico, econômico em si [...], mas um espaço simbólico que serve para exprimir um projeto de dominação política de práticas de poder pessoais”. A autora refere-se, especificamente, ao projeto (em suas palavras) reinventado por José Sarney, em 1966. Estende-se, contudo, a compreensão da autora sobre o fenômeno para além dos domínios de Sarney no Estado. Tudo isso nos leva a uma formulação teórica que vai ao encontro da problematização de Joron (2012, p. 241), ao entender que “realidade, ou aquilo que passa por ser realidade, não pode ser imutável e a percepção que temos dela permanece inevitavelmente tributária dos nossos desejos, dos nossos medos, em constantes flutuações”.

Pensa-se com Joron (2012, p. 247), segundo o qual

O que é dito, escrito, mostrado em relação à realidade, seja ela banal ou plena de acontecimentos, não pode ser aceito de maneira ingênua,

mesmo quando emana daqueles que se encarregaram com esta tarefa: existirão sempre insuficiências, inflações, hipotecas e ambivalências em matéria de informação que interferem inevitavelmente sobre a qualidade da recepção.

Ambivalências, diga-se de passagem, que são a marca das construções sobre o Maranhão, principalmente em momentos em que se acirram as disputas políticas. Nesses embates, em geral, observa-se que, tanto ontem, com os "athenienses" do século XIX, quanto hoje, com os "athenienses" do século XXI, as narrativas dão conta de um estado, ao mesmo tempo e na mesma época, rico e pobre; livre e oprimido; desenvolvido e retrógrado; promissor e atrasado; bem administrado, confiável para investimentos e/ou, ao contrário disso, um estado à deriva. Maranhões diversos, múltiplos, mas verdadeiros.

É, pois, na lógica que se vem discutindo aqui, que se podem apreender realidades, verdades e valores, narrativamente construídos, sobre o Maranhão. Argumenta Joron (2012, p. 247), todavia, que, se a "informação é um negócio de factos e de transmissão", ela decorre, sobretudo, de uma escolha entre esses mesmos fatos que convém em seguida partilhar, de acordo com um ângulo de tiro apropriado.

Nós todos temos um objetivo: "a manifestação da verdade". Mas qual? Aquela que nos convém? Ou aquela que nos desorienta, entre humanismo por defeito ou humanidade por excesso? Ou talvez ainda aquela que nos restitui a nossa inteireza, constituída por fissuras e brechas de todo tipo? A busca é inevitável, muitas vezes extenuante, e o imaginário não deixa de ter o seu papel, como se tratasse de nos aliviar um pouco daquilo que não conseguíamos, de outra forma, assumir. (JORON, 2012, p. 248). (Grifos nossos).

As narrativas jornalísticas que analisamos constroem verdades que dizem respeito a uma realidade concreta, mas, principalmente, de acordo com

Gonçalves (2008), a uma realidade simbólica tão ou mais forte que a realidade concreta.

Os governos e as notícias: realidades em construção

A reflexão sobre por que as notícias são como são avançou muito nos últimos 50 anos. É consenso que não existe notícia neutra, imparcial ou objetiva, apesar de existirem técnicas que ajudam a reduzir a subjetividade e a parcialidade (TRAQUINA, 2004; ALSINA, 1996; SOUSA, 2002). Toda notícia é um discurso e, como tal, não existem notícias desinteressadas. A informação é um ativo econômico, social e político e seu controle pode ser determinante para a manutenção de grupos em posição de poder (MIGUEL, 2002; BARBOSA, 2007; MEYER, 2002; GRABER, MACQUAIL e NORRIS, 2008; SPARROW, 1999). Importa-nos destacar que a narrativa jornalística tem três polos interdependentes (MOTTA, 2013): o primeiro narrador (veículo), o segundo narrador (jornalista) e o terceiro narrador (personagem).

Em nossa análise, interessa-nos o narrador de primeira instância, posto que tem maior nível hierárquico: o jornal. Em um sistema de mídia no qual a liberdade de imprensa é circunscrita pela liberdade de empresa, é importante saber diferenciar o discurso do operário-jornalista do discurso do veículo. Schudson (1978) nos lembra, afinal, que os constrangimentos organizacionais são um elemento importante na definição do que são e por que as notícias são como são.

Lattman-Weltman e Chagas (2016, p.327) comentam que o mercado da mídia é composto pelos mercados da troca de informações, de publicidade comercial e pelo mercado de discursos públicos. Segundo os autores,

toda possível neutralidade, assim como todo viés, é função do contexto em que se dá não somente a efetividade da informação, mas também quaisquer outras (re) apropriações da mesma. Daí a natureza intrinsecamente política da instituição (a despeito de sua autonomização como negócio).

Se o discurso, por definição, é ideológico, e a notícia é um texto que expõe a superfície de um discurso, a notícia é um produto político-ideológico por excelência e acontece na interação entre os narradores, os personagens, a intriga contada e o público que consome as narrativas.

O narrador

O jornal O Estado do Maranhão, como primeiro narrador, é parte de um conglomerado cujo objetivo principal não é o lucro econômico, mas político (COUTO, 2009). Isso o coloca como um ator político institucional e nos permite pensar a sua narrativa em duas perspectivas: uma voltada para a promoção e outra para a contenção. De um lado, o jornalismo que cumpre funções de propaganda, de outro o jornalismo que age como adversário político.

No contexto político maranhense, a eleição de Flávio Dino representa um movimento em direção à ruptura política, mas o novo governo encontra obstáculos para se contrapor ao discurso da elite oligárquica que ecoa nos veículos do grupo Mirante, em especial do jornal O Estado do Maranhão. O jornal vende notícias para um público letrado, de classe média, morador da capital São Luís. Seu principal interlocutor, porém, são os atores políticos e econômicos que disputam o poder político no estado. O diálogo que se estabelece através das narrativas jornalísticas é entre elites políticas. O jornalismo que ali se faz é eminentemente político. E, no jornalismo político, o conflito é o elemento estruturante da narrativa padrão.

O conflito é uma categoria dramática que centraliza a narrativa jornalística e tece os fios que encadeiam as ações das personagens da política. Posicionando as personagens umas contra as outras na narrativa jornalística, o conflito estabelece os episódios que projetam sequências lógico-temporais e concatenam enredos de histórias virtuais mais ou menos completas, embora o foco recaia sobre os personagens que assumem a proeminência nos episódios (MOTTA, GUAZINA, 2010, p.133).

Conforme veremos a seguir, esse valor-notícia esteve presente na cobertura em 2015, mas praticamente ausente na de 2014. Isso se deve aos personagens que centralizaram a intriga contada durante os dois anos.

Os personagens

Roseana Sarney e Flávio Dino são personagens com tratamentos antagônicos nas páginas do jornal. Em 2014, Roseana foi destaque na capa, com foto, em 63 edições. Dino, em 2015, apareceu apenas em sete capas, e nunca sorrindo ou em circunstâncias favoráveis. Nas notícias positivas de 2014, o agente é sempre Roseana – sujeito concreto e único. Nas negativas, o sujeito é abstrato e plural: o governo do estado. O que é positivo deve-se à ação pessoal, o que é negativo é atribuído a um ente não corpóreo. Já em 2015, ocorre a inversão da agência: as ações dos agentes estatais que resultam em notícias negativas são atribuídas a Flávio Dino. Governador e Governo Dino são os sujeitos ativos negativamente referenciados na narrativa do jornal.

O último ano do governo Roseana Sarney (PMDB) terminou em 10 de dezembro de 2014. Com a alegação de cuidar de problemas pessoais, Roseana não passou a faixa ao governador eleito Flávio Dino (PCdoB). A segunda “era” Roseana começou em 17 de abril de 2009, após a cassação do então

governador Jackson Lago pelo Tribunal Superior Eleitoral. Roseana, que havia sido derrotada em 2006, assumiu o cargo e se reelegeu em 2010. Mesmo com o aparato midiático e a máquina governamental, inclusive com inserções do ex-presidente Lula pedindo votos para o candidato Lobão Filho (PMDB), a governadora não elegeu seu sucessor. Flávio Dino, candidato da coligação PCdoB-PSDB, foi eleito em primeiro turno em 2014 com 63,52% dos votos válidos.

Desde a cassação do governador Jackson Lago, a oposição ao grupo Sarney passou a se organizar em torno do então deputado federal Flávio Dino. Improvável do ponto de vista nacional, a coligação PCdoB-PSDB driblou o domínio midiático do sistema Mirante com a estratégia Diálogos pelo Maranhão, na qual o candidato Dino viajava aos municípios para se apresentar aos eleitores, mostrar seus projetos, conversar com as pessoas. A eleição de Dino provocou uma realocação das elites políticas em disputa pela hegemonia no estado. A contenda política contemporânea não acontece apenas nas instituições tradicionais, como as casas legislativas, mas principalmente na mídia, posto que a disputa política também é feita por meio da disputa de narrativas. Dessa forma, a notícia – e a narrativa que ela traz – é um produto político.

A intriga e a narrativa em 2014

A notícia é, em realidade, uma construção (TUCHMAN, 1983; TRAQUINA, 2004; ALSINA, 1996; dentre outros). Há interesses a serem atendidos ao escolher-se publicizar um acontecimento em vez de outro. Há ideologias sendo propagadas ao escolher-se uma palavra e não outra para descrever um fato

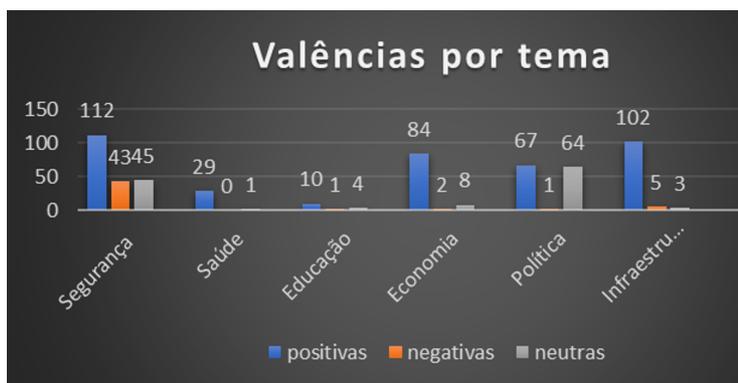
(FAIRCLOUGH, 1995). As narrativas que encontramos nesta pesquisa apoiam-se na estrutura binária e simplista do estado-ficção x estado-problema, governadora-trabalhadora x governador-incompetente.

Parte da explicação é óbvia: a ex-governadora é dona do jornal e Dino é seu adversário. Mas mesmo o óbvio esconde sutilezas que necessitam de investigações mais aprofundadas. É impossível não lembrar a importância que Schudson (1998), Traquina (2004), Tuchman (1983), dentre outros, dão ao componente organizacional para explicar por que as notícias são como são, assim como de Gramsci (2006), para quem o contexto político dá forma ao jornalismo e a seu produto, a notícia.

Nesta parte do paper, apresentamos os resultados para 2014 da cobertura de O Estado do Maranhão sobre temas afetos ao governo do estado. Os resultados serão apresentados na seguinte ordem: gráficos quantitativos relativos às valências das 581 chamadas de capa, gráfico com a análise de similitude feita pelo Iramuteq dos termos utilizados nas 44 chamadas que compõem o corpus analítico, relação das palavras mais utilizadas nesses textos e análise do contexto político-discursivo em que essas chamadas foram possíveis de produção dentro da lógica do jornal O Estado do Maranhão.

No primeiro gráfico, é possível visualizar as valências, ou viés de cobertura, das notícias relacionadas com os marcadores selecionados para 2014.

Gráfico 1: Valências das chamadas de capa sobre ações do governo do Maranhão para 2014



Fonte: elaboração das autoras a partir de dados processados no Excel

No segundo gráfico, mostramos a tendência geral do viés de cobertura mês a mês.

Gráfico 2: valências das chamadas de capa mês a mês/2014



Fonte: elaboração das autoras a partir de dados processados no Excel

O terceiro gráfico traz a análise de similitude feita pelo Iramuteq. Esse tipo de gráfico mostra a correlação entre as palavras de um texto ou conjunto

mais geraram capa em 2014, com um viés predominantemente positivo. O ano eleitoral modifica a cobertura política em quaisquer veículos de comunicação, que passam a ser colonizados pela (e também colonizar a) agenda de candidatos e temas correlatos. Em nossa amostra, a quantidade de matérias de Política relativas ao governo do estado é maior para o primeiro semestre do que para o segundo. Com o início do período eleitoral, o jornal passou a dedicar as manchetes e chamadas de capas de Política para promover o candidato da governadora. Ao mesmo tempo, temas de Infraestrutura passaram a ter maior cobertura. Isso nos permite inferir que o noticiário sobre infraestrutura era, na verdade, noticiário político, como forma tanto de ajudar o candidato oficial a defender o governo que pretendia continuar quanto para reforçar a imagem de Roseana como governadora empreendedora até o fim do mandato.

Percebe-se, pelo segundo gráfico, que janeiro tem um número maior de notícias com valência positiva. Janeiro foi o mês em que uma série de rebeliões irrompeu no sistema penitenciário do Maranhão. O que começou com guerra entre facções dentro do presídio de Pedrinhas, na capital, transformou-se em uma crise de segurança pública que atingiu a população de forma violenta, com incêndio de ônibus, arrastões, depredações, assassinatos dentro e fora dos presídios e culminou com a morte de uma garota de 10 anos em um ataque incendiário a ônibus. Foi necessária a ajuda da Força Nacional para conter o problema.

Mesmo assim, a Segurança Pública gerou mais chamadas positivas que negativas. As quatro chamadas negativas de janeiro referem-se a esse tema. Já comentamos anteriormente que isso é explicado pela forma como o jornal tratou a crise: perplexidade com o fato, gerando notícias negativas; adequação

ao fato, gerando notícias neutras; reação ao fato, gerando notícias positivas. A reação deu-se basicamente pela publicação de notícias referentes aos anúncios de coisas-a-fazer por parte do governo, parcerias que seriam implementadas, ações preventivas da Polícia Militar, além de notícias sobre prisões e investigações em curso. Ou seja: a crise do sistema penitenciário, mesmo em seu auge, não interrompeu a intriga que estruturou a narrativa do jornal para 2014, qual seja, a do estado-ficção, no qual as coisas dão certo por causa da personagem que centraliza a estória: a governadora Roseana Sarney.

Ao olharmos com cuidado para o terceiro gráfico, percebemos que Roseana e Governo são núcleos catalisadores de palavras positivamente associadas entre si. O gráfico mostra três núcleos linguísticos distintos: Roseana, Governador (a) e Polícia. Roseana é associada a "obra", "entrega", "serviço", "visitar", "governo", "integrar" e "investimento". Governador (a) é núcleo para palavras como "inaugurar" e "ação". Já Polícia é o núcleo para "segurança", "combate ao crime", "apreender" e "novo". Núcleos e palavras-satélite integram-se e dão forma a uma narrativa mais típica de assessoria de imprensa que de jornalismo. Não há contestação das ações do governo ou da governadora: há promoção dessas ações. O estado em que tudo dá certo – ficção – é a intriga estruturante que, vista a partir da perspectiva comparada com 2015, reforça-se de maneira endógena nas páginas do jornal.

A intriga e a narrativa em 2015

O jornalismo adversário é uma forma de buscar credibilidade, autoridade e legitimidade para um veículo de comunicação. A cobertura adversária

se caracteriza por ter como finalidade principal legitimar o próprio jornalismo como um poder e ator fundamental da cena pública. Tal cobertura baseia-se na oposição entre os campos jornalístico e político, através da desqualificação intensa da política, seus principais atores e instituições representativas" (GUAZINA, 2011, p.19).

No caso de O Estado do Maranhão, o jornalismo adversário praticado a partir de 2015 é um reposicionamento editorial. Não foi uma escolha: foi uma imposição da realidade política moldada com o resultado da eleição de outubro de 2014. O jornalismo-relações públicas cedeu espaço para a prática de um jornalismo que vai além do cão de guarda, posto que excede a função de vigilância sobre os atos de quem detém o poder. O jornalismo político praticado pelo diário é um tipo de jornalismo adversário primitivo, no sentido de assemelhar-se àquele praticado por jornais do século XIX – assumidamente alinhados a uma causa ou figura pública, ou assumidamente contrários a uma causa ou figura pública. Segundo nos mostra Couto (2009), o próprio José Sarney confirma a necessidade política de inserir-se no campo da mídia para divulgar tanto suas ideias e ações como as de seus aliados.

A abordagem negativa do governo Dino é, também, uma estratégia de exaltação do Maranhão "anterior". Os gráficos a seguir permitem visualizar, em números, a mudança de enfoque operada pelo jornal em 12 meses: a intriga do estado-problema passa a estruturar a narrativa política do jornal para 2015. A apresentação dos gráficos segue a mesma ordem da seção anterior.

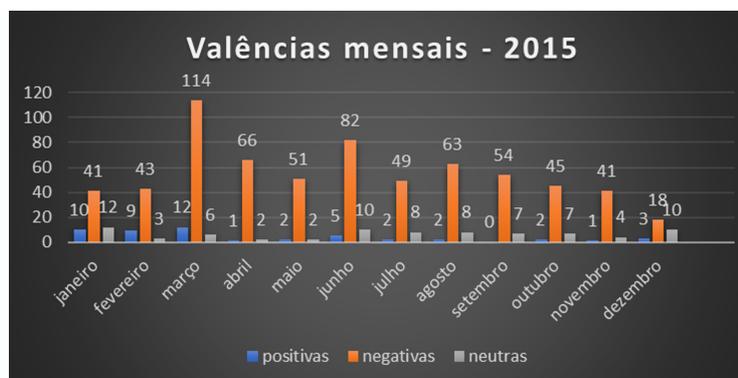
Gráfico 4: Valências das chamadas de capa sobre ações do governo do Maranhão para 2015



Fonte: elaboração das autoras a partir de dados processados no Excel

O quinto gráfico mostra a evolução da cobertura negativa ao longo dos meses:

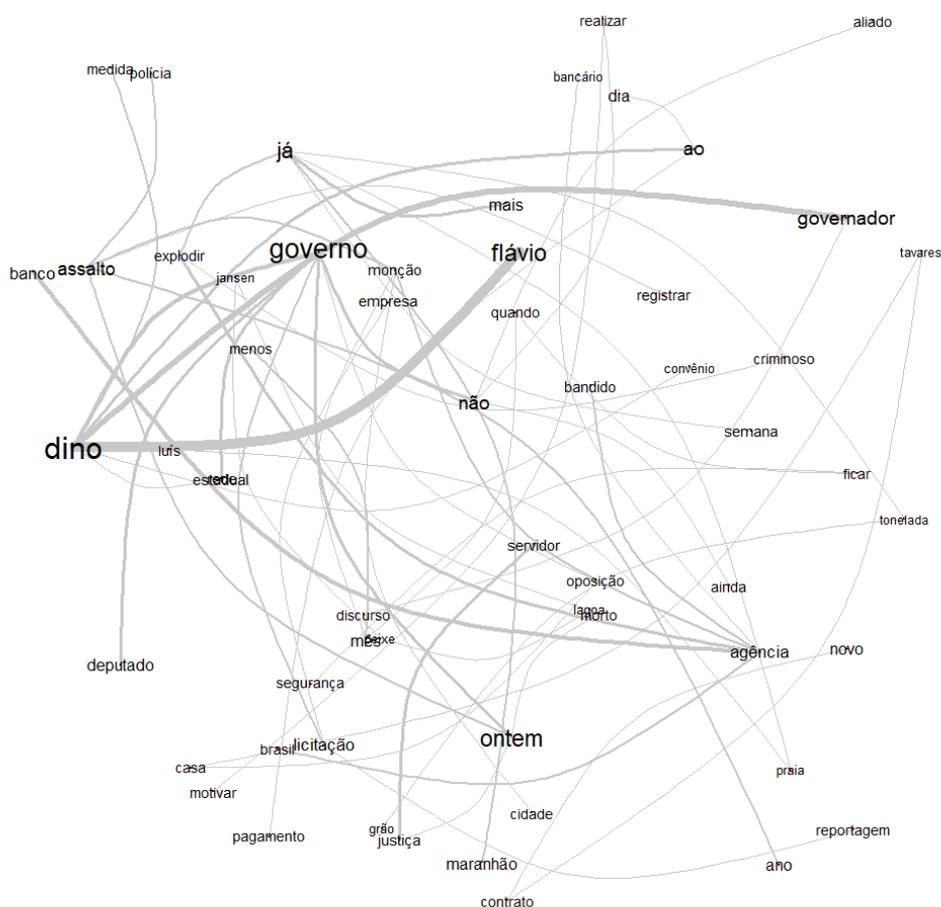
Gráfico 5: valências das chamadas de capa mês a mês/2015



Fonte: elaboração das autoras a partir de dados processados no Excel

A seguir, o gráfico com a análise de similitude:

Gráfico 6: análise de similitude produzido pelo Iramuteq



Fonte: elaboração das autoras a partir das chamadas de capa processadas no Iramuteq

Outra vez, o exercício de olhar o que está por trás dos gráficos. Foram catalogadas 795 chamadas em 2015. Em termos quantitativos, o primeiro ano do governo Dino gerou mais notícias de capa que o último do governo Roseana. O fato de seu governo figurar mais nas chamadas não é um dado para ele favorável: 83% das chamadas de capa tiveram viés negativo. Em um ano não

houve uma única chamada positiva para o tema Infraestrutura. Só para comparar, em 2014 houve 102. Para 2015, o salto foi em chamadas negativas nesse tema: aparentemente, o jornal descobriu que o Maranhão não era um lugar perfeito, as estradas não eram boas o bastante, faltavam hospitais e escolas, etc. O primeiro gráfico detalha a intensidade da cobertura em dois temas: Política e Segurança, o primeiro com 392 chamadas negativas e o segundo com 178.

Já o gráfico de similitude para 2015 aponta para uma mudança discursiva incontestável: não há palavras referentes a inaugurações, visitas a obras, empreendedorismo ou qualquer outra referência positiva à ação do governo em relação à Infraestrutura. O gráfico mostra os núcleos de conteúdo com mais destaque. O núcleo governo tem uma ligação adverbial de negação: o “não” na linha que se segue encontra as palavras “realizar” e “motivar”. O discurso aí é de que o governo Dino não realiza as ações de que o estado precisa.

O núcleo Dino está ligado a palavras neutras de ação: não há verbos. Curiosamente, há um núcleo de conteúdo capitaneado pela palavra “agência” (bancária). Ligadas a ela estão palavras que dão ênfase à (falta de) segurança pública: bandido, criminoso, explodir, assalto. Tendo em mente que 178 chamadas do tema Segurança tiveram viés negativo na amostra, compreendemos a formação desse núcleo no gráfico. O Iramuteq processa os textos e fornece dados estatísticos que podem ser apresentados de várias formas. Uma delas é o gráfico de similitude que, automaticamente, gera os núcleos e as palavras a eles ligadas. A análise linguística aponta para a construção da narrativa em torno da intriga do estado-problema e da caracterização do governador (e de seu governo) como inoperante.

Considerações finais

A intensidade da oposição feita pelo jornal O Estado do Maranhão deve ser lida juntamente com o contexto institucional e político no qual um aparato de comunicação é posto a serviço da lógica da política partidária, não orientada pelos fatos, mas pelos objetivos políticos de seus proprietários. O jornal é completamente livre de amarras externas (diferente da TV Mirante, afiliada da Rede Globo e que deve seguir os padrões de cobertura impostos pela rede). A narrativa política elaborada pelo jornal é apropriada pelo noticiário da televisão (em menor intensidade) e pela cadeia de rádios (com maior intensidade e maior alcance, por ser a mídia que mais se aproxima de seu público – que não precisa saber ler para ter acesso a ele).

Os dados apresentados confirmam a hipótese de que o jornal cumpriu uma função de ator político de oposição ao governo Dino, especialmente se lidos em comparação com a narrativa construída durante o último ano de Roseana Sarney à frente do Palácio dos Leões. O ano de 2015 registra uma mudança de paradigma jornalístico – sai a narrativa laudatória, entra o jornalismo adversário, com interesses políticos definidos. Os problemas do Maranhão até 2014 ou eram ignorados, ou eram minimizados. Agora, eles são diariamente estampados na primeira página.

Até 2014, a narrativa do jornal separava retoricamente dois personagens: a governadora e o governo. A governadora era o “quem” das notícias positivas. O governo, sujeito das notícias negativas que não podiam ser ignoradas nem mesmo por O Estado do Maranhão. Já a partir de 1 de janeiro de 2015, a separação retórica entre Flávio Dino e governo não existia mais: deixou de existir a separação entre o agente individual e o agente coletivo e as notícias

negativamente orientadas passaram a ser atribuídas indiscriminadamente a ambos os sujeitos.

Os silenciamentos praticados em 2015 são significativos: a Infraestrutura e a Segurança passam a ser negativamente noticiadas, dando a impressão ao leitor de que o estado piorou de um ano para outro. Afinal, o silenciamento nesses dois temas também ocorreu em 2014, mas com o sinal trocado: eram as notícias de viés negativo que não apareciam, dando espaço para um superdimensionamento daquelas de viés positivo. Havia um estado tranquilo que não existe mais; havia um estado canteiro de obras, que igualmente deixou de existir. Apenas com notícias negativas sobre os problemas que o Maranhão realmente tem, o jornal passou a fazer jornalismo adversário, com dados verdadeiros – os buracos existem, as péssimas condições das estradas também, a violência está lá, etc. – que passaram a ser publicizados como se antes a mesma realidade fosse completamente diferente. O uso político da notícia, portanto, configura a prática de um jornalismo que extrapola a função de vigilância do meio e assume a ação política engajada.

REFERÊNCIAS

ALSINA, M. R. **La Construcción de la Noticia**. Barcelona: Paidós, 1996.

BARBOSA, M. **História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BORRALHO, J. H. P. **A Athenas Equinocial: A fundação de um Maranhão no Império Brasileiro**. 2009. 332f. Tese (Doutorado em História) – Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Fluminense, Niterói, 2009.

COUTO, C. A. **Estado, Mídia e Oligarquia: poder público e meios de comunicação como suporte de um projeto político para o Maranhão.** São Luís: EDUFMA, 2009.

COOK, T. **Governing with the News: the News media as a political institution.** 2ed. Chicago: Chicago Press, 2005.

FAIRCLOUGH, N. **Media Discourse.** New York: St Martin's Press, 1995.

GONÇALVES, M. F. C. **A Invenção de uma Rainha de Espada: Reatualizações e Embarços na Dinâmica Política do Maranhão Dinástico.** São Luís: EDFUMA, 2008.

GRABER, D. A.; MACQUAIL, D.; NORRIS, P. **The Politics of the news, The news of the Politics.** 2ed. Washington: CQ Press, 2008.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere.** Vol. 2. 4ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

GUAZINA, L. S. **Jornalismo em Busca da Credibilidade: A cobertura adversária do Jornal Nacional no Escândalo do Mensalão.** 2011. 256 F. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, UNB, Brasília, 2011.

JORON, P. **A Transpiração do Quotidiano ou os Poros do Real Midiático.** In Revista Comunicação e Sociedade, vol. 21, 2012, pp. 241-249.

LATTMAN-WELTMAN, F., CHAGAS, V. **Mercado Futuro: a economia política da (re)partidarização da imprensa no Brasil.** In: Dados – Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, vol. 59, n. 2, pp. 323-354, 2016.

MIGUEL, L. F. **Política e Mídia no Brasil: episódios da história recente.** Brasília: Plano, 2002.

SCHUDSON, M. **Discovering the News: a social history of American newspapers.** New York: Basic Books Inc., 1978.

SOUSA, J. P. **Teorias da Notícia e do Jornalismo.** Chapecó: Argos, 2002.

SPARROW, B. H. **Uncertain Guardians: the News media as a political institution.** Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.



revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 6, Outubro-Dezembro. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n6p322>

THOMPSON, J. B. **O escândalo político: poder e visibilidade na era da mídia.** Petrópolis: Vozes, 2002.

TRAQUINA, N. (org). **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são.** Vol. 1. Florianópolis: Insular, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, Volume II: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional,** 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.

TUCHMAN, G. **La Producción de la Noticia: estudio sobre la construcción de la realidad.** Barcelona: Gili, 1983.